

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Imaginário e representação - a história dos discos voadores e seres extraterrestres no Brasil

Rodolpho Gauthier Cardoso dos Santos *

Resumo: Este trabalho apresenta algumas conclusões a que chegou a pesquisa sobre a divulgação dos casos sobre “discos voadores” na revista *O Cruzeiro* entre 1947 e 1960. Além disso, procura mostrar as articulações e contradições entre cientistas, a imprensa e as Forças Armadas na discussão sobre a origem desses supostos objetos. Por fim, ilustra as possibilidades de enriquecimento que estudos sobre essa temática trazem para o conhecimento histórico.

Palavras-chave: Discos voadores - Imprensa - Divulgação científica

Abstract: This work presents some conclusions of the research about the divulgation of “flying saucers” cases published between 1947 and 1960 in the brazilian magazine *O Cruzeiro*. Moreover, try to show the articulations and contradictions between scientists, the press and the Armed Forces in the discussion about the origin of these supposed objects. At the end, shows the possibilities of enrichment that this kind of studies brings to historical knowledge.

Keywords: Flying saucers - Press - Scientific divulgation

No dia 2 de novembro de 1954 pela manhã, o coronel João Adil de Oliveira, chefe do serviço de Informações do Estado-Maior da Aeronáutica, realizou uma conferência na Escola Técnica do Rio de Janeiro sobre um assunto que vinha aparecendo constantemente nos jornais brasileiros nas semanas anteriores: os “discos voadores”.²

A conferência do coronel Adil, embora aberta à imprensa, dirigia-se principalmente aos oficiais das três Armas. Ele acreditava na existência dos supostos objetos e apresentou as principais hipóteses a respeito da sua origem. Entretanto, preferiu não dar nenhuma explicação conclusiva. A transcrição da conferência, publicada na época, revela, porém, que o coronel teve uma tendência clara a apoiar a hipótese extraterrestre, perceptível pelos argumentos e obras citadas.

^{1*} Mestrando em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente, é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

² “Disco voador” era então um termo utilizado para descrever supostos objetos aéreos circulares com grande velocidade. Sua origem e existência eram objeto de discussão. Ao longo da década de 1950, entretanto, o termo “disco voador” passou a ser gradativamente utilizado na imprensa como um sinônimo de astronave de origem extraterrestre.

As reações da imprensa à conferência foram bem diferentes. Ary Maurell Lobo, diretor de *Ciência Popular*, a principal revista de divulgação de ciência na época, criticou-a duramente, dizendo que não passava de uma compilação de notícias antigas e que “a associação dos diplomados da Escola Superior de Guerra precisa organizar debates de maior valor cultural; por enquanto, pela amostra, os seus cursos de extensão constituem ridicularias”.³

Já a revista *O Cruzeiro*, do grupo de mídia *Diário Associados* de Assis Chateaubriand, teve postura oposta. A publicação, a maior do país na época, reservou mais de dez páginas para a transcrição da conferência, celebrando-a como um grande evento.⁴

A revista *Manchete*, iniciada por Adolpho Bloch apenas dois anos antes, seguiu uma linha editorial parecida com a de *O Cruzeiro*, com ênfase na hipótese extraterrestre, embora com menos espaço para a divulgação da palestra.⁵ Tanto *O Cruzeiro* como *Manchete* publicaram opiniões de militares favoráveis à hipótese extraterrestre, mas não trouxeram opiniões de cientistas.

Muito provavelmente outros meios de comunicação também noticiaram esse evento. Sua repercussão mostra um pouco da maneira como a imprensa, a ciência e as Forças Armadas lidaram com o assunto. Traz à tona as disputas pelo poder, pelo status de “produtor de verdades” entre esses diferentes atores sociais. Ilustra um pouco dos conflitos culturais e contradições pelas quais passava o país na década de 1950.

Embora os primeiros casos e as principais teorias a respeito dos discos voadores tenham surgido nos Estados Unidos no ano de 1947, não demorou muito para aparecerem as primeiras narrativas no Brasil. Ainda que seja um mito tipicamente norte-americano, o imaginário a respeito dos discos voadores foi apropriado com características muito peculiares no nosso país. Enquanto nos EUA, por exemplo, foi lentamente criada uma teoria conspiratória sobre governos que escondem evidências das visitas extraterrestres, aqui isso não fazia sentido, pelo menos na década de 1950. Como ilustra a conferência do coronel Adil, as Forças Armadas brasileiras estavam relativamente abertas ao assunto, abertas inclusive à hipótese extraterrestre.

Essas foram algumas conclusões parciais a que chegou a pesquisa “Imaginário e representação cultural: os discos voadores na revista *O Cruzeiro* (Brasil, 1947-60)”, orientada

³ LOBO, Ary Maurell. “Os discos voadores, uma chantagem, uma imbecilidade e uma psicose”, in *Ciência Popular*, Rio de Janeiro, janeiro de 1955, n° 76, p. 2.

⁴ Extra! “Discos Voadores” – A conferência do Coronel Adil de Oliveira In *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1954.

⁵ TENÓRIO, Carlos Alberto. “Não atirem contra os marcianos” IN *Manchete*, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1954, p. 29-33.

pela prof^a. Dr^a. Eliane Moura e financiada pelo CNPq⁶ entre agosto de 2003 e julho de 2005.⁷ Durante esse período, foram analisadas matérias sobre discos voadores e assuntos correlatos publicados na revista de maior circulação da época, *O Cruzeiro*, no período de 1947 a 1960.

Além da grande penetração, *O Cruzeiro* foi escolhido por ter sido apontado como grande divulgador dos casos de discos voadores em outras pesquisas históricas (ANDRADE, 1994) e na literatura especializada no assunto, também conhecida como ufológica (ROCHA, 1959). Era um magazine de assuntos gerais, que se destacou principalmente pela inovação na utilização das imagens e por apostar nas fotorreportagens.



Imagem 1 - Capa da edição de 9 de outubro de 1954. No alto, uma chamada para um artigo sobre discos voadores. Acervo CMU (Centro Memória da Unicamp).

Como resultado da pesquisa, apareceram três diferentes posturas editoriais em relação ao tema ao longo do período analisado. Na primeira delas, entre 1947 e maio de 1952, a revista trouxe basicamente notícias daquilo que acontecia nos EUA, enfatizando principalmente a possibilidade dos discos voadores serem armas secretas norte-americanas ou soviéticas. Essa representação, influenciada pelos primeiros anos da Guerra Fria, era alimentada também pelo imaginário sobre a ciência e a tecnologia, tidas como capazes de criar artefatos fantásticos e possuidoras de uma capacidade inventiva quase infinita. As recém

⁶ PIBIC (Programa Interno de Bolsas de Iniciação Científica), Unicamp.

⁷ Os resultados completos da pesquisa estão disponíveis em SANTOS, Rodolpho G. C. *Imaginário e representação cultural: discos voadores e seres extraterrestres na revista O Cruzeiro* (Brasil, 1947-1960). Monografia de conclusão de curso, Unicamp, Campinas, 2006.

criadas bombas atômicas corroborariam essa imagem. É o que se pode inferir do trecho abaixo:

Essa história de discos voadores é de doer! – observou um técnico norte-americano. Quem não viu ainda, não acredita. Quem viu, no fundo, não acredita muito. No entanto, na guerra passada, ninguém duvidou da existência das bombas voadoras. Hoje, ninguém se admira dos foguetes estratosféricos. Nem da bomba atômica. Nem da superbomba de hidrogênio. Crê-se que muito breve o homem estará fazendo viagens interplanetárias. Mas se desconfia da existência de um simples disco ou pires doador. Por quê? Ora, o mundo é hoje um lugar contraditório.⁸

Naquele momento, embora a hipótese extraterrestre fosse aventada, ela era apenas mais uma entre muitas outras. Contudo, no final de 1949 e início de 1950, a imprensa norte-americana começou a veicular as idéias do ex-major norte-americano Donald Keyhoe. Ele acreditava que os discos voadores eram aeronaves extraterrestres, que o governo sabia disso, mas escondia da população. Aos poucos, essas idéias começaram a se difundir também no Brasil.⁹ Lentamente, os discos deixaram o imaginário militarista da Guerra Fria para se inserirem no mundo das representações relacionadas às viagens espaciais.

Isso pode ser verificado na segunda fase da revista em relação ao tema. Ela foi iniciada com uma reportagem, veiculada em maio de 1952, sobre fotos de discos voadores tiradas na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, por dois repórteres da publicação - Ed Keffel e João Martins. As imagens foram apresentadas assim:

Este número de O Cruzeiro já estava impresso quando os nossos repórteres João Martins e Ed Keffel realizaram o mais sensacional trabalho jornalístico dos últimos tempos na história mundial. Num esforço correspondente à tremenda importância desse feito, superando todas as dificuldades técnicas, conseguindo incluir nessa edição a surpreendente reportagem apresentadas nessas páginas, imprimindo-a num caderno extra que foi encartado no centro da revista (...) única maneira de levarmos sem delongas aos nossos leitores de todo o Brasil o empolgante relato e as espetaculares fotografias que focalizam o mais fascinante mistério do século XX. A Revista O Cruzeiro, através de seus repórteres João Martins e Ed Keffel, orgulha-se de apresentar este furo de repercussão mundial, uma das maiores façanhas da imprensa nacional e estrangeira.

N.R.¹⁰

⁸ MILLER, Jack. Para Quem Achar um Disco Voador. In *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1950, p. 62

⁹ Marcianos mandaram discos voadores visitara Terra? Os canais do planeta Marte e sua fabulosa engenharia. In *Eu sei tudo*, julho de 1951, p. 59.

¹⁰ MARTINS, João & KEFFEL, Ed. Extra! Discos Voadores na barra da Tijuca. In *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1952.

Salta aos olhos o grande número de expressões superlativas (“o mais sensacional dos últimos tempos”, “tremenda importância”, “superando todas as dificuldades”, “surpreendente reportagem”, “o mais fascinante mistério do século XX”, “furo de repercussão mundial” e “uma das maiores façanhas”) logo nas primeiras frases do texto. Essa reportagem marcou o início de uma época especialmente sensacionalista na divulgação dos casos, predominante até o ano de 1956.

Ainda que o assunto tenha sido tratado como um mistério, a hipótese extraterrestre foi utilizada para lidar com expectativas, medos e outros sentimentos existentes no contexto da Guerra Fria. O “mistério” tinha uma grande potencialidade dramática a ser explorada. Numa das matérias da época, pode-se ler:

*Sempre partindo da hipótese de que sejam aeronaves interplanetárias, serão os discos amigos ou inimigos em potencial? Uma coisa é certa: de qualquer maneira, serão um benefício para nós. Se forem amigos, mais cedo ou mais tarde nos beneficiaremos com a experiência e sabedoria de uma civilização mais adiantada que a nossa. Se forem inimigos, a revelação disso fará certamente, com que toda a humanidade venha a ter consciência de que é uma só e grande família de irmãos, que terão de esquecer mesquinhas rivalidades, lutas fratricidas, para se unir ante uma ameaça comum.*¹¹

Coincidentemente, poucos meses depois da publicação das fotos de *O Cruzeiro*, uma grande onda de relatos de discos voadores varreu os EUA, especialmente Washington, sendo noticiada pelos jornais brasileiros.¹² A credibilidade das imagens e das reportagens da revista provavelmente foi favorecida indiretamente por esse noticiário. Para João Martins, co-autor das fotos, não restava mais dúvida sobre a existência dos discos voadores. Restava saber de onde vinham.

Depois de vinte reportagens em 1952, o assunto não apareceu mais na publicação por dois anos, o que configura um curioso silêncio. Segundo conta o próprio jornalista João Martins¹³, em 1954 ele ouviu da boca do coronel João Adil de Oliveira, em *off*, que uma análise feita pela Aeronáutica havia concluído pela autenticidade das fotos tiradas na Barra da Tijuca em 1952. Disse o coronel que os técnicos militares não conseguiram reproduzi-las jogando um modelo de madeira para o alto. Seriam as imagens verdadeiras?

Recentemente, o jornalista Luís Maklouf Carvalho recolheu opiniões de jornalistas que trabalhavam em *O Cruzeiro* na época do ocorrido. A maioria dos entrevistados afirmou

¹¹ MARTINS, João & KEFFEL, Ed. O disco voador In *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 24/05/1952.

¹² Causam viva apreensão nos EUA os discos voadores, *Folha da Manhã*, 24/07/1952, p. 1.

¹³ MARTINS, João. Revelado o segredo da Barra da Tijuca, In *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 31/10/1959.

tratar-se de uma fraude (CARVALHO, 2001: 267). Além disso, algumas análises técnicas posteriores mostraram discrepâncias entre as sombras do objeto voador e as do ambiente, um indício da utilização do recurso da dupla exposição do filme fotográfico.

De qualquer modo, com as fotos avalizadas pela Aeronáutica, o jornalista João Martins retornou ao assunto com grande fôlego e pode explorá-lo profundamente no final de 1954. A partir daí, a revista investiu nas histórias de pessoas que alegavam manter contato com seres de outros planetas, como Vênus ou Marte,¹⁴ e nas narrativas da Sociedade Teosófica Brasileira sobre seres extraterrestres que habitariam mundos subterrâneos.¹⁵ As explicações convencionais para os avistamentos (como confusões envolvendo aviões, balões, etc) apareceram pouquíssimas vezes, assim como foram deixados de lado os argumentos contrários à hipótese extraterrestre. Não foram mais publicadas, porém, outras possíveis fraudes.

Nesse período, a revista *Ciência Popular* se insurgiu contra as matérias. Escreveu Ary Maurell Lobo em dezembro de 1954:

Parece existir o propósito deliberado de criar o terror no grande público, de levar a gente simples do povo ao máximo da tensão nervosa, não só para alcançar determinados favores com prejuízo da coletividade cedente mas também para vender revistas e jornais que apenas circulam à custa da exploração de assuntos escandalosos ou fantasiosos. Haja vista o que está acontecendo com os discos voadores, a mais miserável chantagem dos últimos tempos. Ciência Popular afirma que até agora tôdas as fotografias de discos voadores dadas a lume, sem exceção de uma só, tôdas, tôdas são absolutamente falsas, ou em outras palavras mais fortes: são torpemente falsificados pelos escroques que estão tomando conta da imprensa em todo o mundo. Não lhe tem faltado a êsses vigaristas o apôio de altas autoridades civis e militares, altas nas posições de mando e na ignorância enciclopédica.¹⁶

Ciência Popular procurou enfatizar em várias ocasiões a possibilidade de confusão de certos fenômenos visuais, tais como aeronaves, planetas, meteoritos etc, com os supostos discos voadores. Em outras ocasiões, porém, partiu para a simples agressão verbal, “nada científica” como ironizou o jornalista João Martins certa vez. Provavelmente, outros meio de comunicação também criticaram a veiculação das matérias sobre os discos voadores. Não por

¹⁴ Série de oito reportagens assinadas por João Martins com o título *Na esteira dos “Discos Voadores”*, publicadas entre 9 de outubro de 1954 e 20 de novembro de 1954.

¹⁵ Série de reportagens assinada por João Martins com o título *Os “Discos Voadores” e o mistério dos mundos subterrâneos* publicadas entre 5 de fevereiro de 1955 e 19 de fevereiro de 1955.

¹⁶ “Os discos voadores, ridícula psicose coletiva”, in *Ciência Popular*, Rio de Janeiro, dezembro de 1954, no 75.

motivações científicas, mas por verem essas reportagens como concorrência desleal, exploração de um assunto demasiado fantasioso.



Imagem 2 - A valorização das imagens marcou as matérias sobre discos voadores em *O Cruzeiro*. Edição de 25 de junho de 1955, p.82-B e 82-C

Na terceira fase, entre 1956 e 1960, João Martins, principal membro da redação a escrever sobre o assunto, elegeu a hipótese extraterrestre como a única apropriada para os relatos, descartando outras possibilidades. As matérias passaram então a enfatizar as possíveis intenções dos supostos alienígenas, trazendo a descrição de dezenas de casos brasileiros e internacionais. Ao mesmo tempo, a empolgação pelo assunto arrefeceu um pouco. Martins mostrou-se um pouco mais cético em relação aos alegados contatos com seres de outros planetas e aos contínuos relatos de avistamentos, que aos poucos deixaram de ser novidade:

*Inúmeros outros casos sucederam em diversas datas e lugares do nosso território e de outros países. Mas o simples fato de ter sido avistado “algo estranho” no céu, pela repetição, já se tornou banal e raramente ganha espaço em algum jornal. A verdade é que, nesse mistério dos “discos voadores”, somente alguma coisa de novo pode despertar interesse geral. E essa “alguma coisa” só poderá ser a comunicação ou o contato direto com eles. Essa é a razão pela qual este repórter, apesar de estar permanentemente investigando o assunto, não tem publicado, nos últimos tempos, nada a respeito. Para que ficar repetindo casos mais ou menos semelhantes e que nada acrescentam ao que já foi publicado anteriormente?*¹⁷

A queda de interesse pelo assunto refletiu-se na lenta diminuição do número de matérias a respeito. Na mesma época, *O Cruzeiro* começou a cobrir as novidades da astronomia e astronáutica, tal qual todos os outros meio de comunicação. Embora a exploração espacial tivesse alguma relação com a vida extraterrestre, era também uma temática que ignorava por completo a idéia de que “eles” já estariam aqui, dentro dos discos

¹⁷ MARTINS, João. À espreita dos “Discos Voadores” – missão DX. In *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1956

voadores. Por conseguinte, a corrida espacial pode ter tido o efeito secundário de diminuir um pouco o interesse pelos discos voadores porque, afinal, agora os seres humanos tinham seus próprios veículos espaciais.

Em um artigo publicado na *Revista Brasileira de História*, a historiadora Ana Maria Ribeiro de Andrade criticou o modo como ciência foi divulgada em *O Cruzeiro*, apontando que ela foi sempre tratada como “grandiosa, abstrata e inacessível ao cidadão comum, dando lugar a um universo de mitos, de cientistas isolados e solitários em complexos laboratórios” (ANDRADE, 2001: 62). Desse modo, não teria estimulado o desenvolvimento do pensamento científico. Pode-se afirmar que em relação aos casos de discos voadores não foi diferente. *O Cruzeiro* preferiu explorar a hipótese extraterrestre de maneira comercial a consultar cientistas ou mostrar as múltiplas possibilidades de explicação para os relatos de discos voadores.

Vale lembrar, entretanto, que aquilo que foi publicado sobre os discos voadores não pode ser classificado como “subliteratura de ficção científica”, como fizeram alguns pesquisadores (ARANHA, 1990: 214 e ANDRADE, 2001:261). Afinal, o principal aspecto dos relatos e das reportagens dessa temática não tem a ver com a qualidade do seu enredo, mas versa sobre sua veracidade ou falsidade. A já citada conferência do coronel Adil, por exemplo, não pode ser compreendida como “subliteratura de ficção científica”.

Enfim, vários fatores importantes estiveram presentes nos primeiros anos das notícias sobre discos voadores no Brasil. O primeiro deles foi a atuação de uma parte da imprensa que percebeu muito rapidamente a atratividade do assunto e explorou-a ao máximo. O jornalismo sensacionalista foi favorecido pelo baixo número de cientistas em cátedras de universidades na época e meios de comunicação especializados, com exceção de *Ciência Popular*. O vazio deixado pela ausência de um corpo científico considerável abriu espaço para que a hipótese extraterrestre fosse divulgada nas suas facetas mais comerciais. Além disso, ela foi alimentada pela inusitada postura adotada pelas Forças Armadas em várias ocasiões.

Entretanto, o fator mais importante da propagação e incorporação desse tipo de imaginário no Brasil talvez seja a riqueza criativa que a idéia de seres de outro planeta que nos visitam carrega consigo. Como servem de comparação para qualquer situação humana, os extraterrestres se tornaram uma espécie de “muleta mental” que nos ajuda a pensar a respeito da nossa vida, nossas esperanças e medos. “Eles” são um “outro” proporcionado pelo imaginário científico.

Procurou-se demonstrar como o estudo da invenção e da constante recriação do imaginário sobre os discos voadores pode trazer à tona embates sócio-culturais importantes,

lutas que se mostram ótimas oportunidades para entender as articulações simbólicas entre ciência, Forças Armadas e a imprensa no país.

O sucesso conquistado pelas reportagens sobre discos voadores na década de 1950 nos obriga a lembrar que o gosto ou a rejeição por determinada temática mostra muito da forma como uma sociedade age e pensa. Ou seja, aquilo que é lido mostra uma gramática da percepção e os valores de uma época.

Enfim, desconsiderando a existência ou não de uma realidade física dos discos voadores,¹⁸ é importante aos historiadores tentar entender como e porque milhões (talvez bilhões) de pessoas no século XX acreditaram que o planeta era visitado por seres de outros lugares do universo, mesmo que nunca tenha surgido nenhuma evidência conclusiva a esse respeito.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de. A construção de um mito de ciência. *Perspicillum*. Rio de Janeiro: MAST, v. 8, n. 1, nov. 1994, pág.107-137.

_____. & Cardoso, José Leandro Rocha, Aconteceu, virou manchete. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.21, n. 41, 2001.

ARANHA Filho, Jayme de Moraes. *Inteligência extraterrestre e evolução*. Dissertação de Mestrado, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 1990.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução de Rita Buongermino e Pedro De Souza, São Paulo, DIFEL, 1982.

CARVALHO, Luis Maklouf. *Cobras Criadas: David Nasser e O Cruzeiro*. São Paulo, editora SENAC, 2001.

HOBSBAWM, Eric, *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

PEEBLES, Curtis. *Watch the skies! A chronicle of the flying saucer myth*. Washington e Londres, Smithsonian Institution Press, 1994.

ROCHA, Hugo. *O Enigma dos Discos Voadores*, São Paulo, Biblos, 1959.

SANTOS, Rodolpho G. C. *Imaginário e representação cultural: discos voadores e seres extraterrestres na revista O Cruzeiro (Brasil, 1947-1960)*. Monografia de conclusão de curso, Unicamp, Campinas, 2006.

SUENAGA, Cláudio Tsuyoshi. *A dialética do real e do imaginário: uma proposta de interpretação do fenômeno OVNI*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1998.

¹⁸ Até o momento não apareceu nenhuma prova conclusiva da existência real de tais objetos. Para os cientistas, algumas provas conclusivas poderiam ser pedaços de astronaves ou corpos extraterrestres analisados abertamente pela comunidade científica. Por outro lado, existe uma série de fenômenos aéreos comuns que são constantemente confundidos e dão origem a relatos de discos voadores.